

REGISTRO DA PESCA ARTESANAL COM AUXÍLIO DE BOTOS, Laguna (SC) Patrimônio Cultural Imaterial de Santa Catarina

A PESCA ARTESANAL COM AUXÍLIO DE BOTOS, que acontece na cidade de Laguna-SC, configura-se como uma **manifestação cultural** tradicional, secular e de ocorrência extremamente rara, verificando-se práticas análogas num limitado rol de localidades em âmbito global.

A tradição possui regras claras e bem definidas e, dado o poder do enraizamento dela no seio da comunidade pesqueira, o **trânsito desse saber** se dá exclusivamente pela experiência oral. No interior da tradição a **linguagem simbólica é única, e configura-se a partir da interpretação de sinais revelada nas ações durante a prática, disposta pela atividade do principal protagonista - o Boto.**

O estabelecimento de uma relação de "parceria" entre Homem (pescador) e Natureza (boto), é enriquecida pelo respeito do homem para com seu "parceiro" natural, haja vista não haver a exploração exclusiva do resultado da parceria (pesca) pelo homem, cabendo ao Boto o seu quinhão.

Ainda sobre a íntima relação Homem X Natureza, observada **na Pesca Artesanal com Auxílio de Botos**, destaca-se que cada Boto é conhecido pelos seus dotes físicos, e desempenho no ato da pesca, resultando dessa observação epítetos de adquirem força de um batismo formal. Apelidado o boto, ele será tratado nominalmente pelos pescadores no decorrer de sua vida, que pode alongar-se por mais de uma geração de pescadores. Nas palavras da Historiadora COUTINHO, Ana:

A relação exhibe nomes próprios e apelidos, que lhes atribuem, e deles abstraem os resultados inerentes a sua sobrevivência. Durante o período da pesca criam e recriam significados a partir dos códigos que distingue a relação e contribue para o equilíbrio entre homem e natureza. (COUTINHO, parecer interno, p.1, 2017)

A importância da **Pesca Artesanal com Auxílio de Botos** para a comunidade onde insere-se, revela-se ainda no âmbito econômico, uma vez que ela é de grande relevância na busca pela sobrevivência entre seus pares.

Cenário

Há dois quilômetros do centro urbano de Laguna, cidade histórica e terceira mais antiga de Santa Catarina, ocorre a mais de 150 anos nos meses de abril a junho a **Pesca artesanal com o auxílio do boto**, relacionada à captura de tainhas. A dinâmica causada pela natureza possui um aliado - o Boto - que produz um movimento que se repete todos os anos, durante os meses da **safrada tainha**. Os pescadores tradicionais de Laguna, notadamente da praia da Tesoura e Molhe da Barra, têm esse ritual próprio na captura dos peixes, que envolve, além da relação direta Homem X Boto, e implica mais que aspectos econômicos já referenciados, há uma série de elementos nesse processo: preparação, **organização, motivação, experiências, trocas, habilidades,**

paciência, cooperação, relação social, sinais e respeito, entre o homem e o animal”.

A **Pesca artesanal com o auxílio do boto** no município chama a atenção de pesquisadores já no início do século XX. Vieira da Rosa (1905), por exemplo, “[...] em grande quantidade o que chamamos vulgarmente de boto. Não há aqui quem não os tenha visto brincar alegremente a tona d’água [...]”. Continua a narrativa, na “Laguna aparecem em profusão, e são elles que no pontal de barra indicam a direcção que tomam as tainhas, de que elles são muito amantes”.

Pesca

A pesca apresenta uma organização pré-estabelecida, seguida por passos distintos que o pescador mantém e cumpre à risca durante os meses que a constitui. O primeiro deles vincula-se à **preparação**, que corresponde ao período que antecede a pesca e está relacionado aos instrumentos de captura durante a atividade.

A **tarrafa**, seguida, por vezes, por redes, balaios, caixas e sacos para o transporte do peixe a um destino determinado, que pode estar relacionado ao espaço doméstico residencial ou comercial. A princípio a preparação acontece nas próprias residências e se estende ao ambiente dos ranchos de pesca, local que passam boa parte do tempo à espera das condições climáticas adequadas para a pescaria.

A **espera**, que se caracteriza em ficar na beira do mar, rio e molhes o tempo que for necessário para o momento certo para o lançamento da captura. Todavia, essa não depende da ação exclusiva do pescador. Está inserida nesse processo a ação da natureza, que envolve as condições climáticas adequadas, a movimentação do boto no ambiente na condução do cardume. Está implícito na conduta do pescador o exercício de paciência durante a espera. Os sentidos tornam-se apurados e o foco na observação se constitui num dos elementos que consiste no manejo e arremesso da tarrafa.

A **vaga**, termo criado entre os pescadores para definir a ordenação do espaço territorial dentro d’água. Incidi sobre o ponto de posicionamento para se lançar a tarrafa durante o momento de captura. Neste caso, existem narrativas que caracterizam a vaga, como um **procedimento**, talvez, mais recente, com o intuito de disciplinar o espaço e contemplar todos os pescadores num ambiente aparentemente reduzido. Tem como objetivo equilibrar atritos, que por vezes, podem ocorrer. Pautar a boa convivência entre seus pares deixando aflorar o espírito de harmonia. Não menos rigorosa do que as filas formadas a beira das praias nomeadas por seus antecessores como uma forma de organização. A **vaga**, nos últimos tempos se constitui num passo significativo na sobrevivência da prática nomeada. Relaciona nesse processo elementos que configuram a sobrevivência. Dentre eles, o **respeito coletivo**, e a intuição que se distingue pela sabedoria popular. A esse respeito, escreve Areão (1950):

Muito tempo antes de se falar em filas, já os pescadores da Laguna praticavam-nas como mais estrito rigor. Aquele que primeiro tomasse lugar na praia para acompanhar o boto no seu trajeto, não teria a sua frente cortada e os que o sucediam na chegada iam enfileirando numa verdadeira linha sagrada para todos (p:12).

No primeiro momento a **vaga** contempla o mais antigo e assim sucessivamente, respeitando a chegada. Na concepção dos pescadores a divisão é importante porque o peixe não é mais tão abundante e, se faz necessária, porque deve contemplar todos os envolvidos que dela sobrevive. Desta feita se estabelece um código de ética baseado na tradição e na palavra.

Na seqüência dos passos está a **atividade comercial** que ocorre informalmente na própria praia, resultado da pescaria e da prática social construída geração após geração. Durante os meses da ocorrência o cenário se modifica com a instalação de uma "**feira**" ao ar livre que mais parece um mercado a céu aberto. Envolve o pescador, o comerciante, moradores e curiosos que vão em busca do peixe fresco. A relação ocorre de forma espontânea.

Relação homem x animal

Dado as particularidades que envolvem a pesca e a sobrevivência do pescador está à relação com o boto, cita Areão (1950):

O boto tem sido o grande amigo do pescador; sem ele a população de Laguna, em certas ocasiões do ano não teria daquele alimento tão saboroso que vive na águas do mar e que a astúcia do homem sabe, com a sua artimanha captar. Algumas vezes o boto gosta de oferecer um espetáculo interessante aos lagunenses. Isso acontece, quando consegue, abocanhar um linguado, estando ele de pança forrada. O espetáculo consiste em manobrar com o pobre prisioneiro, atirando-o a uma altura talvez superior a 20 metros. Depois espera a sua queda para repetir a cena. (p:13).

Observa-se que o pescador é singular no trato com o mar na busca de alimentos com o auxílio do boto. A relação traduz um **saber fazer** que transcenda a tradição neste grupo social de descendência luso-brasileira em Laguna e compõe a realidade atual baseada na tradição e na transmissão oralidade.

Na atividade partem das observações acompanhadas pelo silêncio que envolve inúmeras horas, estão implícitas as interpretações individuais, durante a chegada do boto no ambiente e as interpretações dos sinais causados geralmente pelos malabarismos fora d'água, onde estabelecem uma comunicação própria, aliada não só ao movimento proporcionado pelo animal, mas a leitura do pescador sobre o ambiente que envolve a corrente marinha e coloração da água.

Outro ponto importante dessa comunicação está em nomear os botos.

Esta atitude por parte dos pescadores permite uma aproximação com o animal e estabelece uma relação de quase parentesco. O ato afetivo se caracteriza pela construção e condução do processo ditada pela percepção, interpretação e respeito, que se distingue por uma "teia de significados" que o homem mesmo teceu durante um determinado convívio, na busca pela compreensão das particularidades inseridas durante o período que pratica a pesca naquele território.

Portanto conclui-se que a pesca tradicional com o auxílio do boto compõe um coletivo de um determinado grupo social que se insere e faz parte da História da Pesca no Brasil. Integra e agrega valor ao patrimônio naval dada as particularidades e elementos que a envolve. Nesse processo, estão implícitas

as relações sociais e econômicas que definem a sobrevivência de dezenas de famílias, acrescenta conhecimentos seculares das diferentes tipologias relacionadas aos saberes e o fazeres da pesca artesanal no território nacional num movimento dinâmico e contínuo de sobrevivência. Envolve os conhecimentos imbricados e transmitidos às gerações, que são elaborados e reelaborados, a partir de cada sujeito. A prática define uma cultura própria relacionada a códigos que lhe atribui valor histórico que a caracteriza. Proceder ao Registro é reconhecer a importância da atividade para a comunidade como uma prática tradicional dos pescadores que mantém os modos de expressão, de transmissão e de organização própria, condição fundamental para continuidade dos saberes e fazeres que lhe é inerente